



## Proposta Entre Zero e Um

Arthur Caldeira

(Texto extraído, com algumas modificações, cortes, atualizações e acréscimos, do projeto aprovado pelo edital para a Residência Artística Zero - segunda edição promovida pelo Espaço de Arte Corredor 14 em Pelotas - RS, contemplada pela Lei Aldir Blanc, e obras realizadas antes e durante a referida residência, entre 8 de fevereiro e 2 de abril de 2021, de autoria de Arthur Caldeira).

Sintetizado no código binário está o conceito que desenvolvo em meus trabalhos enquanto artista visual. Para explicar esse conceito, antes de nomeá-lo, trago uma breve observação sobre a binaridade. Os sistemas binários não se limitam à linguagem dos computadores, mas se estendem desde as formas primárias de comunicação remota, como sinais de fumaça, sinais de luz, código Morse, sendo formas de propagar informações sob uma lógica de leitura por tempo e ausências/presenças de algo, sejam elas de luz, de sons e silêncios, de voltagens elétricas, que agrupados podem ser decodificados em outras linguagens, como a escrita convencional. O binário, portanto, é o agrupamento em opostos. Ausência, presença; sim, não; 0, 1.

À parte dos códigos de comunicação, direciono meu olhar a outros agrupamentos que, talvez, sejam os refletores do impulso de binarizar os códigos. Socialmente, a partir da cultura católica apostólica romana imposta a nós por uma colonização predominantemente européia ocidental trazida na invasão da América, a repartição de aspectos gerais da vida em grupos binários pode ser claramente observada, porém dificilmente percebida no cotidiano, dada a facilidade em se acostumar com essa lógica ao ponto de não perceber regendo nossa forma de pensar e ver as coisas, uma vez que nos faz acreditar que ela é única, real e imutável. Ora, se a Natureza nos dá opostos o tempo todo, dia e noite, vida e morte, fartura e escassez, como não aceitar as classificações humanas de forma binária também? Homem e mulher, sucesso e fracasso, certo e errado, bom e mau, começo e fim. É fácil de assimilar, é confortável de aceitar, e ao passo que tudo isso é uma grande farsa, é patológico, doentio e gera sofrimento. A Natureza nos dá as auroras e os crepúsculos, nos dá prenúncios entre vida e morte, nos dá os semitons, cinzas coloridos, novas chances, nos dá intermináveis ciclos. Nela, “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, como dito pelo químico Antoine



Laurent Lavoisier (1743-1794). Essa projeção binária a todas as coisas ignora os estados “entre”, as transições, os meios, algo entre isso e aquilo, que pode conter partes disso e daquilo ao mesmo tempo e assim ser uma terceira coisa, ou então uma quarta, quinta, sexta... ou infinita coisa entre dois pólos.

Mesmo o código binário do computador é identificado pelo que é chamado de porta lógica que não assimila ausência ou presença total de energia elétrica, mas decodifica uma amplitude dada entre 0 e 5 volts, em que toda frequência de 2,5 para 0 volts têm-se 0, e de 2,5 para 5 volts têm-se 1. Nem o código binário é, de fato, binário.

Cito especificamente a origem cultural vinda na invasão colonial para referenciar uma de suas heranças, a forma como em nossa maioria somos compelidos enquanto seres no mundo a tomar o capitalismo e todas as suas crenças circundantes e concepções como princípio e regências invariáveis e imutáveis das nossas vidas, são exemplos: o gênero, o padrão de beleza, o ideal de sucesso, os contratos sociais, as metas e propósitos de vida, a monogamia, a religião. Mesmo antes do capitalismo que conhecemos, as ordens binárias imperavam calcadas no Bem e Mal religioso, a radicalização dos extremos. Céu ou Inferno. Sem escapatória, tudo era condenável ao céu ou ao inferno. E esse modo extremo dual de operar rende riquezas e poder aos que o exploram, prendendo-nos a nunca estarmos satisfeitos e sempre consumindo, a não sentirmos pertencimento por nunca corresponder ao “ideal”, a nunca estarmos no Um e tampouco no Zero, fazendo-nos crer que deveríamos estar, e a não aceitar como natural o fato de estarmos nesses estados intermediários, *entre*, de forma a nos fazer buscar atingir o intangível.

Assim, com essa forma de crer que as coisas funcionam imposta a nós, estabeleceu-se uma visão binária que se tornou estrutural, passada de geração em geração sem que se percebesse, sendo instalada nos olhos da humanidade como a única forma de lidar com a vida, negando o *entre* de forma patológica e negando assim a nossa própria naturalidade enquanto seres transitórios, num mundo regido por leis naturais cíclicas e transitórias, o que causa imposições sociais e cria obrigações de comportamentos e decisões que nos aprisionam e geram sofrimento.

Não dizendo que outras sociedades não tenham sistemas de divisão binários, mas trago um ponto a se averiguar: aos que mais observavam, estudavam, reverenciavam e honravam os ciclos naturais do planeta e a natureza enquanto naturalidade refletida na



humanidade, negavam eles as multiplicidades? Repartiam tudo tão estritamente em extremidades excludentes? Consigo nomear exemplos nas sociedades originárias norte-americanas, graças às documentações feitas por Duane Brayboy a partir de relatos orais que obtive com os povos Lakota, Ottawa, Hopi e Navajo, em que eram reconhecidos de três a cinco gêneros, que os europeus imediatamente frisaram extinguir, atribuindo-lhes os seus papéis binários de gênero forçosamente e opressivamente. Os descendentes dos povos originários, posteriormente, escolheram ser nomeados como “Two Spirit”, para separar-se da sigla LGBTQ+ em ordem de não serem relacionados à sua sexualidade, mas sim à sua espiritualidade enquanto pessoas de “dois espíritos”, conforme se denominavam, considerando-os presentes do Criador e participantes importantes e respeitados em seus grupos sociais por serem dotados da habilidade de enxergar o mundo de formas plurais. Outro exemplo parecido são os Mähü no Havaí, termo que significa “o que há entre”, que é o terceiro gênero reconhecido por eles e que personificam ambos kâne (homem) e wahine (mulher), tendo sido também alvo dos missionários no século de 1800, que buscaram extingui-los.

Ao passo que direciono o tema ao gênero, aproveito para me colocar pessoalmente. Enquanto pessoa transgênero, isto é, em não conformidade com o gênero que foi atribuído a mim (à minha vulva) quando nasci, eu sinto uma ressonância com as percepções que escapam ao binário estrito, mas não de forma a negar os pólos. Não nego que haja o masculino e o feminino, não nego o bem e o mal, a vida e a morte, porém acrescento-lhes de seus intermédios e trago enquanto luta no âmbito social a naturalização de tudo que existe *entre* os pólos binários, sejam eles quais forem.

A partir das repartições binárias surgem os tipos de papéis a se cumprir. Enquanto pauta desse momento da minha vida existe o *entre* o masculino e o feminino, enquanto meu corpo no mundo, meu estado transitório. A exemplo, no âmbito do gênero, dada sua binaridade enquanto homem ou mulher, têm-se o papel do homem e a caracterização da masculinidade, assim como o papel da mulher e a caracterização da feminilidade e ambas essas coisas foram atreladas fundamentalmente ao corpo humano, precisamente aos órgãos sexuais externos. Explicando melhor, atribui-se homem a quem nasce com a presença de um pênis externamente e mulher a quem nasce externamente com vulva e, a partir disso, atribuem-se seus papéis sociais, direitos e deveres, regras e concessões, padrões de imagem e comportamento.

Esse é o momento de colocar um enorme “PORÉM” no discurso. A natureza não se revela de forma tão restrita, como já exemplificado na forma que os povos originários, cujas visões eram voltadas às expressões naturais, atribuíam os seus papéis de acordo com identificação pessoal e expressão genuína, independente do corpo que se tem. Além do mais, é com equívoco que se atribui o gênero unicamente calcado no fator

órgãos externos, deixando de considerar inclusive os fatores biológicos: cromossômicos, hormonais, expressão hormonal e órgãos internos além do fator da identificação e expressão pessoal, calcados no sensível.



Boys Don't Cry, óleo sobre madeira, 13.5" x 10.5", 2020. Artista: Alessandro Tomassetti.

Descrição de imagem: pintura em formato oval de um homem branco olhando para frente, passando batom rosa nos lábios. Ele possui cabelos marrons e encaracolados, na altura do pescoço, e veste uma camisa azul de botão que está aberta.

Trazendo isso, procuro movimentar um olhar a essas questões, além delas estarem cada vez mais presentes nos meus dias, mas também por conseguir identificar o mesmo em inúmeras histórias de vida de pessoas que relatam sofrimentos, dificuldades e enormes obstáculos para conseguirem ser e expressar suas existências em seus naturais estados “entre”. Em histórias de lutas contra masculinidade tóxica, contra a misoginia, contra o racismo e o colorismo, e lutas contra a transfobia, que nega,

desvalida, deslegitima, exclui e até mata os que possuem identidades e expressões de gênero que não condizem aos dois gêneros atribuídos aos seus órgãos sexuais externos, homem ou mulher.

Não é critério saber como ou por quem de fato essas normas foram estabelecidas, basta que comecemos a identificá-las. Observar certos comportamentos que são julgados por exceder uma norma para assim poder identificar essa norma e também lembrar-se de coisas que pessoalmente vivemos e de como as sofremos. Homens de cabelo comprido, mulheres de cabelo curto. Homens que usam saia, mulheres que usam ternos. Homens que usam maquiagem, mulheres que não usam... e a partir disso estender a toda e qualquer determinação que diferencie homem de mulher para atribuições que vão além do gênero e assim obter um espectro infinito de “entres” para que sejam naturalizados. Esse é o meu objetivo. E, finalmente, para nomeá-lo, escolho o termo “Entre”, enquanto o infinito que cabe “entre zero e um”.

Ao passo que as noções dos diversos tipos de classificação em binários são difundidas de forma tão severa, como uma ideologia consolidada, instaurada em nossa sociedade, a dificuldade em compreender os temas que se abrem a partir dos questionamentos que proponho fazer em meus trabalhos se deve, creio eu, ao fator da ignorância. Ignora-se, pois, não se sabe que essa binaridade é imposta dessa forma por isso não a enxergam; nem que se pode ser/estar e manifestar-se fora dela, tampouco que esse sentimento é recorrente em inúmeras situações da vida, mal se percebe que existem pequenos conflitos e aflições decorrentes disso.

Procuró fazer com que as pessoas tenham seu olhar direcionado aos “entres” em si mesmas, às coisas que têm abafado dentro de si, pois julgam que não se encaixam ou não estariam cumprindo o seu papel da forma “certa”, ou que seriam julgadas e condenadas por questionar padrões estabelecidos, por não corresponder às expectativas de diversas origens, enfim, à tudo que não corresponde aos sistemas duais restritos que são demandados a nós, seja relacionado a corpo, a beleza, a realizações e conquistas de vida, emprego, profissão, seja no âmbito familiar ou público, seja sobre vontades, desejos, ou até mesmo sobre tudo aquilo que pode-se enxergar como um dilema, como um caminho entre apenas duas coisas a seguir, como uma pílula azul e uma vermelha e que se estabelece como restrição de escolhas.

A iniciar por uma investigação do *entre* e de todas as suas manifestações possíveis, convido o público a participar dessa autoanálise de forma introspectiva para que tragam como colaboração quais são os seus *entres* pessoais, quais as experiências, vivências, anseios e dúvidas já tiveram ao se questionar sobre algo dual até mesmo sem



terem percebido no momento que se tratava disso, mas pedindo para que olhem novamente para suas vidas e pensem: o que já deixei de fazer, falar, vestir, como já deixei de me comportar mesmo querendo ou a que fui forçado a corresponder que eu não entendia ou concordava a fim de me enquadrar em alguma norma social, sendo repreendido ao questioná-la ou desafiá-la, ou temendo pelas consequências de não cumpri-la?

O motivo de querer incitar esse olhar a si mesmo é para que as pessoas possam exercitar o reconhecimento disso em si para que, por consequência, possam criar empatia pelos *entres* dos outros, permitindo-se reconhecer e aceitar os plurais modos de ser/estar e manifestar-se no mundo das outras pessoas também, para que gere facilidade em acostumar a ver as manifestações desses *entres* no mundo, pois, com entendimento, diminui o preconceito fruto da ignorância a fim de gradativamente permitir uma naturalização cada vez maior das diversas pluralidades e não-binaridades do ser humano sendo vistas e respeitadas na sociedade. Em outras palavras, para que se normalize nos olhares das pessoas toda e qualquer expressão individual, seja ela ligada aos pólos duais ou a qualquer ponto entre eles e para aceitar a naturalidade dos estados transitórios, intermediários, *entre*.

Realizei essa proposição durante a segunda edição da Residência Artística Zero promovida pelo espaço de arte e ateliê Corredor 14, situado em Pelotas - RS, de forma pública através de um formulário, sem limite de participantes e de caráter virtual, através de mídias sociais, visto o decorrente cenário de pandemia, enquanto meio de coleta desses relatos, podendo ser anônimos e em forma de textos escritos, imagens de qualquer formato, fotografias, vídeos, mensagens de voz, trabalhos de arte etc. Simultaneamente, realizei obras no campo da pintura e instalação voltadas à minha narrativa pessoal enquanto corpo transitório e transgênero, a fim de procurar soluções visuais à inquietações e considerações que movimentam meu pensamento a respeito do momento de transição de gênero pelo qual estou passando. Tais soluções busquei de forma tanto representativas quanto elucidativas, para tratar em cada uma delas questões que vivo no meu dia-a-dia, questões de sofrimentos que passei e passo e de quais são suas origens, de questionamentos pessoais que podem vir a ser identificados por outras pessoas ou a trazer um ponto de vista novo e desconhecido a quem possa não saber nada sobre o tema, para que eu contribua com os meus *entres* nesse movimento conjunto.

Quando não se sabe da existência de algo, não é possível compreender esse algo.

Pensemos juntos: se você não sabe que carros existem e está andando bem belo na rua e vê um carro, você não o compreende. Muitas coisas podem vir no seu pensamento e de imediato refletir numa expressão de espanto, de cair o queixo, você reage ao carro. Pergunta ao entorno “o que é isso?”, checa se as pessoas ao seu redor estão espantadas como você, ou se alguma delas é familiar com aquilo e pode te explicar. Logo, o carro vira um objeto de fascínio, de foco, mesmo que por um breve momento e você logo volte a andar na rua e fazer o que estava fazendo.

O exemplo é simples, porém minha intenção é usá-lo de parâmetro para comparar com algo mais complexo e que é de desconhecimento de muitos. Pessoas trans existem. Transexuais, transgênero, travestis. E essas pessoas estão em estados *entre* ou são personificações deles, transitórios, transmutáveis, transcendentais, da forma que forem.



Matrix, óleo sobre tela, 213,4 x 304,8 cm, 1999. Artista: Jenny Saville.

Descrição de imagem: pintura de uma pessoa branca transmasculina, de cabelos curtos, deitada e virada para cima, com as pernas abertas com a vulva e os seios à mostra.

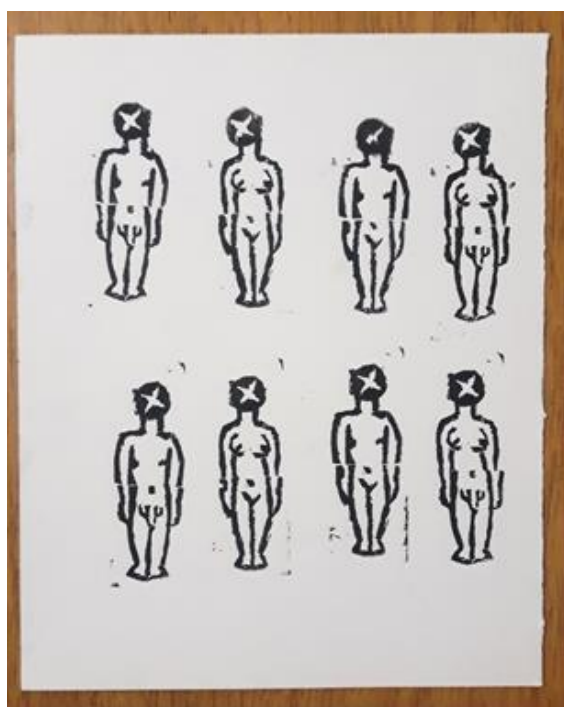


Pensemos juntos um pouco mais: se você não sabe que pessoas trans existem e está andando bem bela na rua e vê uma pessoa que não corresponde ao que se exige da imagem masculina ou da imagem feminina e você não sabe como identificar essa pessoa que vê, você não a compreende. A problemática aqui envolvida, diferente do exemplo do carro e que confere toda a sua complexidade é: você sabe que pessoas existem, que masculino e feminino existe, que o conceito de homem e mulher existe, e está acostumado a ver aquilo que você foi feito a acreditar que corresponde a essas coisas. Muitas coisas podem vir no seu pensamento, podendo refletir alguma expressão de dúvida ou espanto ou reação à existência dessa pessoa, que vira o objeto do seu foco no momento e, mesmo que você só continue andando na rua e siga o que estava fazendo, você ainda não a compreende. Não dá para comparar uma pessoa com um objeto, apenas me refiro ao que pode acontecer ao se deparar com algo desconhecido. Tanto sua complexidade é maior que apenas ter visto ou até ter tido uma explicação sobre, não é o suficiente para compreendê-la, e muitas vezes a reação que pode vir disso é violenta, cruel, partindo de uma extrema negação daquilo que se vê, no desespero de ter as suas crenças abaladas por ter visto algo que escapa do que você acredita e aceita como verdade e isso pode ser sentido como uma grande ameaça, o que pode culminar em agressões, opressões, assassinatos.

Tento trazer dessa forma para começar a exemplificar esse meu pensamento a partir de uma provocação do campo da Arte que me levou a uma longa conversa com Cayque Alves em que chegamos ao assunto dos “entres” discutindo acerca de vincular um signo a um tema, quando atribuiu-se estritamente a vulva enquanto signo a ser utilizado como referente visual na discussão de assuntos de âmbito feminino e sobre o corpo da mulher, tomando como principal problemática associar o órgão genital (órgão sexual externo) ao gênero. Isto é reforçar a binaridade e também excluir a normalidade e naturalidade do corpo feminino sem vulva, com pênis, das mulheres transgênero que **optaram** por não as ter ou que ainda não tiveram condição de fazer cirurgia de redesignação **caso seja sua vontade**, e é também desclassificá-las enquanto mulheres e desapropriá-las do que é feminino. Com isso, não estamos falando de disputa de lugar no mundo da Arte ou disputa em qualquer âmbito, tampouco estamos falando que as experiências vividas historicamente e no presente se assemelham ou são iguais. Pelo contrário, é claro que cada identidade e cada corpo tiveram e têm seus respectivos sofrimentos. As mulheres cisgênero (que se identificam com o gênero feminino que lhes



fora atribuído por terem nascido com vulva) tiveram e têm seus históricos e cenários de opressão, assim como as mulheres transgênero em seus corpos trans também têm os seus. Em momento algum os estamos igualando ou contrabalanceando. O que não dever-se-ia fazer é generalizar a identidade feminina à vulva e tratar das questões femininas que dizem respeito às mulheres cisgênero como única faceta do feminino no discurso, desconsiderando que as mulheres trans estão dentro do conceito feminino, da mesma forma que é incluir equivocadamente os homens trans com vulva no assunto apenas pelo uso do signo da vulva, pois homens trans também podem **optar** por mantê-las e não operar para ter um pênis. Da mesma forma esse pensamento se aplica ao atribuir como signo do masculino o falo, o pênis, e ainda se estende às atribuições de quaisquer características anatômicas para definição dos gêneros, binários ou não.



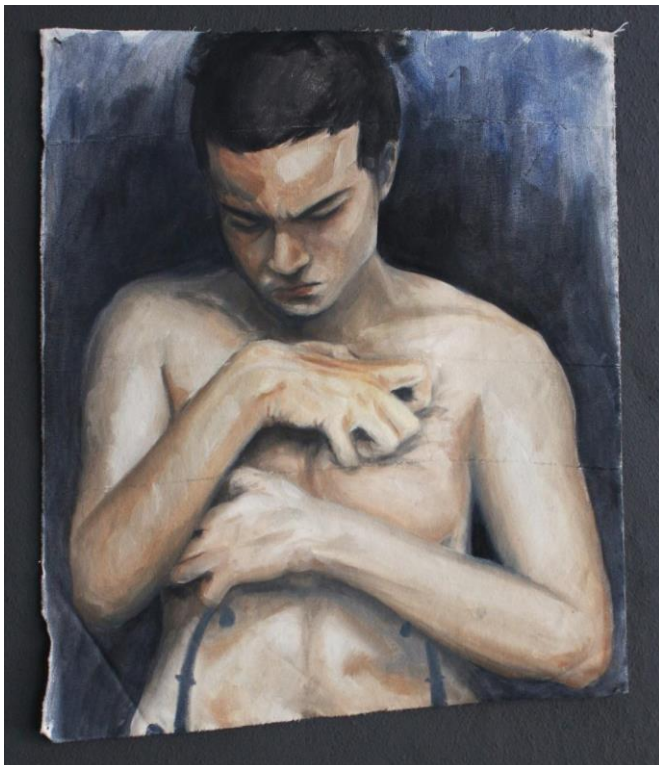
Sem título, gravura de minha autoria, feita com carimbos de borracha no ateliê de Introdução à Gravura, em 2017, durante minha graduação (dois anos antes de me entender transgênero).

Descrição de imagem: desenho de 8 corpos virados para frente, um do lado do outro, quatro na parte superior da folha, e 4 na parte inferior. A folha é branca e os contornos dos desenho são pretos.

É fruto dessa discussão a motivação de eu ter realizado meus trabalhos na Residência Zero e executá-los nesse cenário foi uma grande oportunidade de manifestar a importante atribuição da Arte enquanto movimentadora, para que nossas ações e reações aos temas, provocações e discursos sejam geradores de novos conhecimentos e experiências, para que sejamos Autores enquanto Produtores, conforme nos incita Walter Benjamin.

A partir da inquietação que este assunto me gerou e de tudo que Cayque e eu construímos em linhas de pensamentos, contextos e critérios que direcionam essa pesquisa, reforço também, enquanto homem de vulva, em como essa problemática em partes me representou até certo ponto da minha vida, em que eu fui visto como mulher cisgênero e até acreditei ser. Até certa idade, por não saber que trans existia, não compreendia esse fato e, portanto, não poderia chegar no entendimento de que eu sou e sempre fui trans, ao passo que conforme fui conhecendo e estudando sobre o assunto, fui tendo imensas identificações, dúvidas, ansiedades e dores, num processo que comparo a um esvaziamento. Porém, não foi imediatamente após tomar conhecimento sobre a transexualidade que eu me entendi trans e me assumi e comecei a transição social e física, esse processo levou alguns anos, aproximadamente 4 anos. A partir disso, ponho em minhas obras essas narrativas pessoais a respeito da minha transição, o ponto de vista das minhas experiências, buscando mostrar em quais lugares *entre* as concepções aqui discutidas (de gênero, de binário) eu já estive e em quais posso estar agora, visto que minhas posições nesses estados *entre* não pressupõem e não podem

pressupor permanência, perpetuidade, constância, são estados *transitórios*.



Aflição, série Disforia, óleo sobre tecido, 39 x 31 cm, 2021.  
Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura com fundo azul e preto, na frente do qual há uma pessoa branca, de cabelos pretos e sem roupas, envolvendo os braços sobre o peito. A pessoa olha para baixo, com expressão de aflição.



Repulsa, série Disforia, óleo sobre tecido, 35 x 27 cm, 2021, Arthur Caldeira

Descrição de imagem: pintura com fundo azul e preto, à frente do qual há uma pessoa branca, segurando os seios e puxando-os para baixo com força, e olhando para baixo com as sobrancelhas franzidas, de olhos fechados. A pessoa possui duas tatuagens no ventre, duas linhas retas, com as extremidades curvas, uma em cada lado da barriga.



Rendição, série Disforia, óleo sobre tecido, 44 x 27,5 cm, 2021, Arthur Caldeira

Descrição de imagem: pintura com fundo azul e preto, à frente do qual há uma pessoa branca, olhando para baixo, de braços cruzados, abraçando a si mesma. Sua feição é calma. A pessoa possui duas tatuagens no ventre, duas linhas retas, com as extremidades curvas, uma em cada lado da barriga.

Comecei a realização das pinturas na residência artística com essa série de pinturas a óleo sobre tecido de tela chamada Disforia, em que busco mostrar minha sensação com meu corpo que me fez pesquisar sobre o tema até me entender transgênero. Foi por sentir cada vez mais desconforto, repulsa e asco do meu corpo que comecei a me questionar se eu era transgênero e pesquisar incessantemente a respeito e ir encontrando identificação, num caminho cheio de ansiedade e dúvidas. Nesse processo de entendimento houve também a aceitação desse corpo em estado transitório, expressa na pintura Rendição, na qual consigo partir para o acolhimento desse corpo após um longo processo de desvencilhamento das projeções do gênero masculino que fazia sobre o meu corpo, sobre a imagem do masculino dentro do binário que eu achava que meu corpo deveria corresponder, sem seios, quando entendi que sou um homem



independente do formato do meu corpo nesse momento, que meu corpo é válido de todas as formas que eu escolher tê-lo, e que devo sentir-me bem dentro dele mesmo que ele ainda não tenha o formato que eu busco ter um dia. Eu quero fazer a cirurgia masculinizadora das mamas, sempre quis, porém o fato de ainda não ter feito não me impede mais de me sentir feliz nesse corpo, caminhar com ele, sentir prazer com ele, sem apertá-lo ou tentar negá-lo ou escondê-lo com *binder*. Não sou menos homem assim e tampouco sou menos Arthur assim.

Em seguida, na série intitulada Espelho, trago momentos íntimos que via refletido no espelho acima da pia do banheiro, enquanto cuidava da minha pele que explodia em espinhas devido ao tratamento hormonal com testosterona iniciado em agosto de 2019, de forma a aproximar o espectador de mim, fazê-lo sentir a naturalidade da minha realidade num momento íntimo, vulnerável, dou minhas costas já sujas de sangue, do meu próprio sangue que sai quando espremo as espinhas, mostro os cuidados que passo a ter com minha pele usando argila verde e admito esse gesto vicioso de auto violência de espremer minhas espinhas. Quis pintar esse sangue por achar ele tão lindo e isso me fez pensar que, das violências que fazem sangrar, essa pode parecer a mais inofensiva que uma pessoa trans pode sofrer, mas que traz *à flor da pele* a discussão do autocuidado cuja chave é o acolhimento e aceitação de todas as formas de ser/estar do corpo para que se diminuam as disforias, ansiedades e assim as autoagressões de diversos tipos que podem culminar em depressão e suicídio.

(Aproveito para deixar clara aqui a **primordial** importância do devido **acompanhamento médico** físico e psicológico não só no tratamento hormonal, mas em todo o processo de transição).



Autoagressão, série Espelho, óleo sobre tecido, 48 x 31 cm, 2021, Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura, com fundo cinza escuro, de uma pessoa branca de costas, cutucando as costas com a mão esquerda, e olhando para trás. A pessoa possui cabelos pretos presos em um coque.



Autocuidado, série Espelho, óleo sobre tecido, 34 x 24 cm, 2021, Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura, com fundo cinza escuro, do rosto de uma pessoa branca, de cabelos pretos presos um coque, com argila verde no rosto. A pessoa olha para frente.



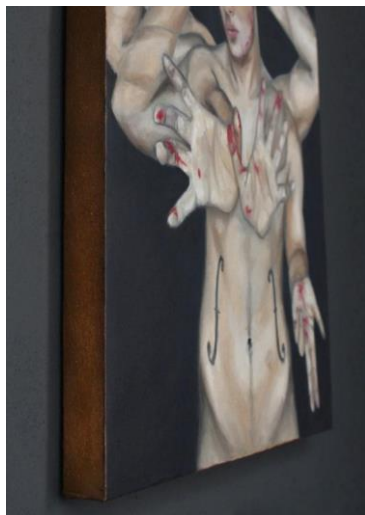
Entre Autocuidado e Autoagressão, série Espelho, óleo sobre tecido, 33 x 31 cm, 2021, Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura, com fundo azul escuro, de uma pessoa branca, de cabelos pretos curtos, passando um material esverdeado no corpo, como se estivesse se olhando no espelho.



Por fim, realizei uma série de pinturas chamada “Entre Zero e Um” para discutir questões de gênero e transgeneridade que fui aprendendo com o tempo e pesquisas. Continuo trazendo meu corpo como lastro dessas discussões, imbuindo-o de signos que ilustram esses pensamentos. Observo, ainda, um caminhar de identificação nos autorretratos: num primeiro momento há rostos quando o corpo não revela os seios, depois há seios quando não revela o rosto, por fim há um centramento de identidade, quando assumo meu corpo e meu rosto num só Ser e Pertencer, na última pintura da série, numa jornada de autoaceitação simultânea e sobreposta aos assuntos tratados em cada pintura especificamente.

Trazendo o sangue de um cenário a outro mais externo a mim, do ato de espremer as espinhas e fazer vazar meu próprio sangue a uma incerteza de que forma esse sangue fora retirado, na pintura “Entre Quatro Corpos” posiciono-me com quatro pares de braços, cada par pertencente a um dos corpos - físico, emocional, mental e espiritual - mas também enquanto gestos de reações a estímulos externos, reações a possíveis violências, dores, vergonhas, a estímulos que minha *entre*-presença ou minha *trans*-forma pode gerar quando circulando neste mundo fundamentado no binário.



detalhe da borda dourada



Entre Quatro Corpos, série Entre Zero e Um, óleo sobre tela e purpurina dourada sobre as bordas, 45 x 34 x 3 cm, 2021. Arthur Caldeira.

Descrição da imagem: pintura de fundo escuro, à frente do qual há uma pessoa branca olhando para baixo. A pessoa possui 4 pares de braços: De cima para baixo, o primeiro par de braços está em posição de defesa, com as mãos espalmadas acima da cabeça, com sangue. Abaixo, o segundo par de braços está com as mãos apoiadas na testa, com os dedos ensanguentados. À frente do tronco, o terceiro par de braços está estendido para a frente em perspectiva, com as palmas abertas e os dedos virados para fora. O quarto par de braços está como as posições das mãos de Cristo Pantocrator e de Baphomet, sendo o braço direito elevado ao lado da cabeça, as mãos com os dedos indicador e médio abertos apontando para cima em sinal de bênção, e o braço esquerdo ao lado do tronco com os mesmos dedos apontando para baixo significando a harmonia entre justiça e misericórdia. Totalizando assim 8 braços. A pessoa possui uma tatuagem no ventre no formado dos efes do violino, um de cada lado da barriga.

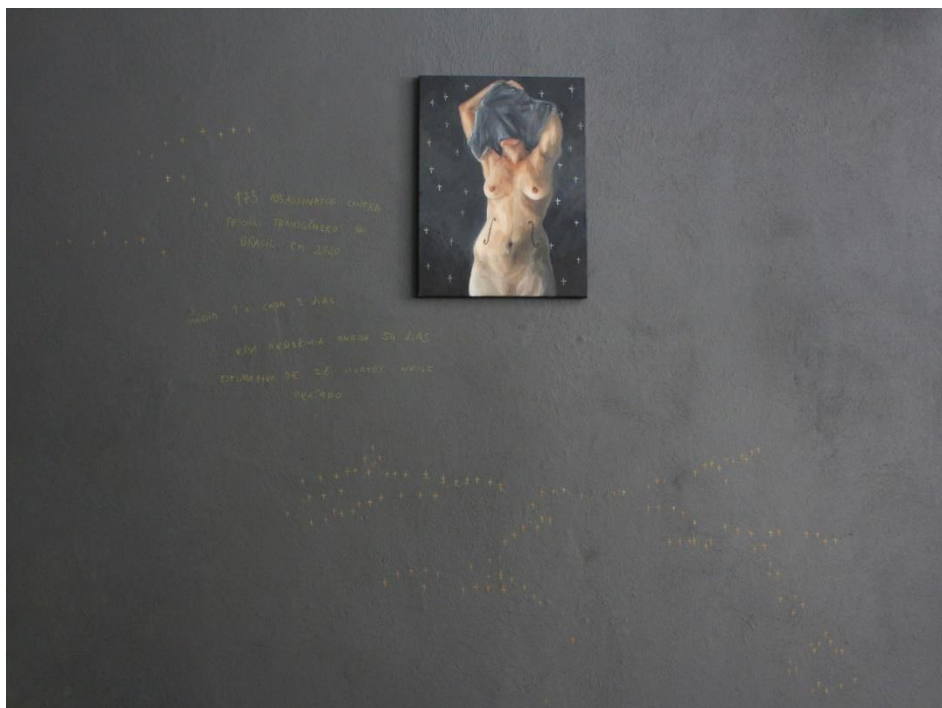


Buscando discutir e denunciar sobre as violências e assassinatos cometidos a corpos trans, realizei a seguinte instalação com a pintura disposta junto de uma intervenção escrita na parede. A partir dos dados do Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 da ANTRA, coloquei na pintura cruces que representam os assassinatos que podem ter ocorrido durante o período que estive na residência artística, e na parede as cruces de todos os outros casos que aconteceram e poderão acontecer no resto do ano, conforme escrito no texto na parede, transcrito abaixo.



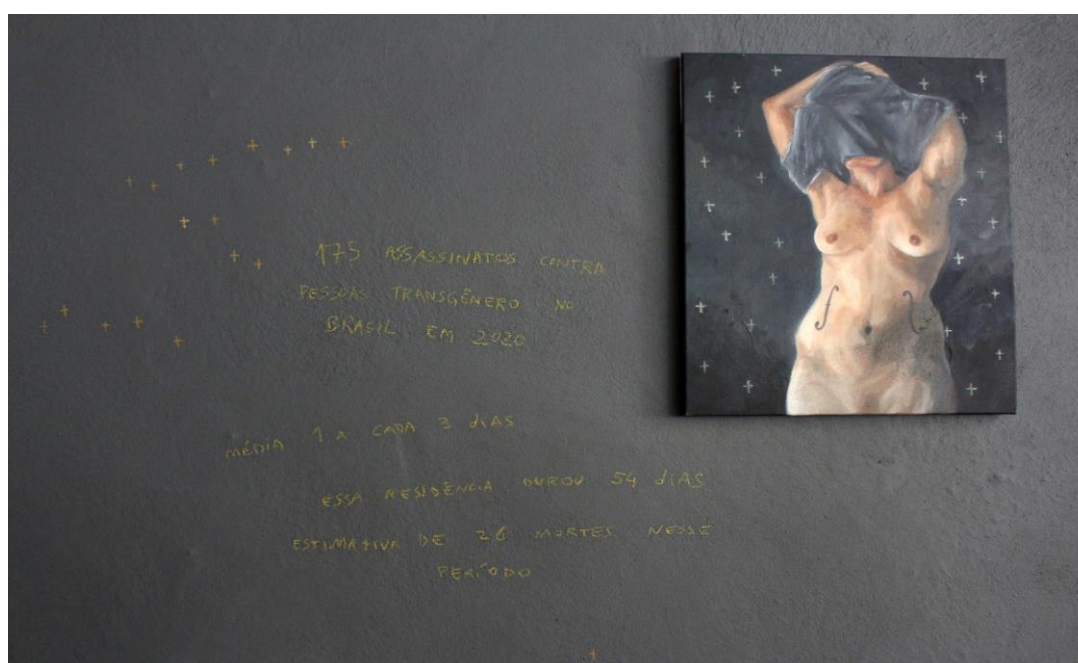
Liberte o Gênero, série Entre Zero e Um, óleo sobre tela, 40 x 30 cm, com intervenção na parede, 2021. Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura com o fundo escuro e com pequenas cruces brancas desenhadas por cima. Na frente do fundo, há uma pessoa, da cabeça até os quadris, se despindo de uma camisa azul pela cabeça. Ela está com os braços levantados, tirando a camisa. A pessoa possui duas tatuagens no ventre, duas linhas pretas, uma em cada lado da barriga, e está com os seios à mostra.



Texto escrito na parede: “175 assassinatos contra pessoas transgênero no Brasil em 2020 | Média 1 a cada 3 dias | Essa residência durou 54 dias | Estimativa de 26 mortes nesse período” | (26 cruzes na tela, 149 na parede)

Descrição de imagem: quadro de uma pessoa transmasculina se despindo pendurada em uma parede cinza. Na parede, está escrito em amarelo “175 assassinatos contra pessoas transgênero no Brasil em 2020. Média 1 a cada 3 dias. Essa residência durou 54 dias. Estimativa de 26 mortes nesse período.” E há outras cruzes pintadas em amarelo na parede em volta do texto.



Com referência ao auto retrato intitulado “O Filho do Homem” de René Magritte, emprestei do mesmo título para fazer a seguinte pintura, em que meu rosto está coberto não por uma maçã verde, mas uma maçã dourada, que é um símbolo de fé em várias culturas, para referenciar o gigantesco impacto da fé e da religiosidade, tanto positiva quanto negativamente, no contexto LGBTQIA+. No meu caso, a religiosidade e fé que compartilho com minha mãe foi de crucial importância para tornar possível meu assumimento para ela, sua aceitação e nosso início de transição, porém reconheço e conheço muitas histórias de pessoas que foram vítimas de dogmas preconceituosos advindos de muitas crenças e práticas religiosas, o que as conferiram violências cotidianas de familiares, de suas comunidades, em suas cidades, exclusões, abandonos, desrespeitos, invalidações e motivos de grandes sofrimentos, negações, apagamentos, levando-as à detransição forçada e até ao suicídio.



O Filho do Homem, óleo sobre tela, 116 x 89 cm, 1946.  
Artista: René Magritte.

Descrição de imagem: pintura com paisagem de um muro baixo, e ao horizonte está o mar, com céu nublado. Na frente do muro, há um homem branco de terno e gravata vermelha, com chapéu preto, e há uma maçã verde flutuando na frente de seu rosto.



Filho do Homem, série Entre Zero e Um, óleo e purpurina dourada sobre tecido, 43 x 35,5 cm, 2021.  
Arthur Caldeira.

Descrição da imagem: pintura, com fundo escuro, de uma pessoa da cabeça até os quadris, nua, seios à mostra, com os braços virados para cima, as mãos detrás da cabeça. Em frente a seu rosto, há uma maçã dourada. A pessoa possui duas tatuagens no ventre no formato dos efes do violino, um de cada lado da barriga.

Além disso, a maçã dourada faz referência à jornada de Hércules em sua penúltima prova, pegar os pomos de ouro no jardim das Hespérides. Trago essa pintura como essa prova do herói, que busca algo além de si, no campo do sensível, imbuído de todas as qualidades que seu gênero lhe confere dentro do binarismo: força, poder,



capacidade, coragem, conquista, e colocando-as nesse corpo marcado pelos seios que o binarismo define como sendo de aparência feminina. Procurei manter o mesmo título por ser oportuno para atestar a referência e enfatizar o gênero em torno da discussão.

detalhe:



Descrição de imagem: pintura de um rosto olhando para frente, na frente do qual há uma maçã dourada encobrinde-o.



David, escultura em mármore, 517 x 199 cm, 1504. Artista: Michelangelo Buonarroti.

Descrição de imagem: fotografia de uma escultura em mármore de um homem nu, em pé sobre rochas olhando para a esquerda, com o braço direito solto ao lado do corpo e o esquerdo segurando uma funda apoiada em seu ombro.

No fim dessa jornada, finalmente consegui me apropriar de meu próprio corpo e defini-lo na minha pintura por inteiro, em sua completude de identidade. Um homem com seios e vulva. Dessa vez com a pose em referência à escultura “Davi” de Michelangelo, ícone consolidado da História da Arte em se tratando de nu masculino, me afirmo não apenas diante do mundo, mas principalmente diante de mim mesmo, reconhecendo-me Homem nesse formato, expurgado das declarações formais binárias que urgem em fundamentar a nossa anatomia. Declaro também a todos os corpos masculinos: válidos! Ontem, hoje e sempre válidos, da forma que foram, são, querem ser, podem ser e virão a ser. Corpo não é gênero.



Trans Davi, série Entre Zero e Um, óleo sobre tela, 100 x 80 cm, 2021. Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura de fundo montanhoso escuro, com céu avermelhado e montanhas azuladas. À frente, há uma pessoa branca, da cabeça aos tornozelos, olhando para a esquerda. Seu braço direito está relaxado ao lado de seu corpo, e o braço esquerdo está sobre o peito. Seus seios e vulva estão à mostra. A pessoa possui duas tatuagens no ventre no formato dos efes do violino, um em cada lado da barriga e possui tatuagens ao lado da coxa direita e nas pernas.



## Referências

BENEVIDES, Bruna G., NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BRAYBOY, Duane. Two Spirits, One Heart, Five Genders. Indian Country Today. Archives. Rio de Janeiro 7 de set. de 2017. Disponível em <[https://indiancountrytoday.com/archive/two-spirits-one-heart-five-genders-9UH\\_xnbfVEWQHwKjNn0rQQ](https://indiancountrytoday.com/archive/two-spirits-one-heart-five-genders-9UH_xnbfVEWQHwKjNn0rQQ)> Acesso em: 13 jan. 2021.

GONICK, Larry. Introdução Ilustrada à Computação. São Paulo, 1984: Harper & Row do Brasil. p. 115-122. 242 páginas.